


revista
Imagine
Edição 13 | Ano III | 2022

Acredite

Jornalismo sério e a serviço dos brasileiros



**Casa do Menor:
Proposta possível e eficaz para os
problemas das violências e das drogas para
crianças, adolescentes, jovens e adultos**

ENTREVISTA

Grupo Atos Vida – Uma história incrível

SAÚDE

A importância da consolidação das políticas públicas de saúde mental e drogas no governo Bolsonaro

SEGURANÇA PÚBLICA

DF: Em 2022 crimes contra a vida Tiveram a maior redução em 23 anos



revista
Imagine
Acredite

Diretor Executivo
Sérgio Botelho Júnior

Editor e Jornalista Responsável:
Sérgio Botelho Júnior
DRT 8318/DF
botelhojunior73@yahoo.com.br

Contato:
(61) 99641-0830

Jornalistas:
Tércia Diniz
MTB: 0010821/DF

Thiago Farias
DRT 2453/SE

Projeto Gráfico e Diagramação
Carlos Clayton
carlosartefinal@gmail.com

Fotografias:

- Assessorias
- Agência Senado
- Agência Brasil
- Agência Brasília
- Pixabay
- Freepik
- Wikipédia
- Internet
- E Arquivo Pessoal

O conteúdo dos anúncios são de responsabilidade do anunciante.

Tiragem
5.000 exemplares



Entrevista

Grupo Atos Vida – Uma história incrível

06



Capa

Casa do Menor: Proposta possível e eficaz para os problemas das violências e das drogas para crianças, adolescentes, jovens e adultos

10



Saúde

A importância da consolidação das políticas públicas de saúde mental e drogas no governo bolsonaro

26



Nova PNAD

Quais políticas públicas serão adotadas a partir de 2023 em prol dos dependentes químicos?

32



Segurança Pública

DF: Em 2022 crimes contra a vida Tiveram a maior redução em 23 anos

42



Governo Distrital

Punição por racismo é revertida em Doação de livros para escolas do DF

46



Inclusão

Capacitismo: Entenda o Que é e como evitar o Preconceito camuflado de boas intenções

52



Direitos

Secretária Nena Martins promove com eficiência políticas públicas em prol das mulheres em João Pessoa

56

• ENTREVISTA

Grupo Atos Vida – Uma história incrível



A ImagineAcredite traz a história de superação de Hudson Barreto que “mergulhou” nas drogas e teve sua vida restaurada depois de muitos percalços. Com a experiência, ele sentiu que a sua missão era resgatar as pessoas que sofrem com flagelo das drogas e devolver a dignidade por meio da reinserção social. Sendo assim, fundou o Grupo Atos Vida, que conta com 3 Unidades – 1. ATOS VIDA Clínica Especializada, 2. COMUNIDADE TERAPÊUTICA ATOS, 3. INSTITUTO ATOS de DESENVOLVIMENTO HUMANO, com ações nas áreas de SAÚDE MENTAL, GLOBAL E DEPENDÊNCIAS.

Suas instituições se distinguem pela beleza e qualidade estrutural, pela excelência e compromisso fraternal e humanizado dos profissionais nos atendimentos que ofertam, pelas implementações de abordagens científicas atuais e eficazes em consonância com as diretrizes das Políticas Públicas, Saúde, Educação, Assistência Social entre outros saberes, sempre pautadas nos eixos da Prevenção, Tratamento e Reinserção Social. Ele é ainda Palestrante (Notório Saber) em áreas diversificadas, Master Coach, empresário e Pastor Sênior da ATOS CHURCH.

Desde 2001 se preocupa com causa sociais sobretudo as dependên-

cias e a Saúde Mental, seus manejos, intervenções e abordagens, estudando assiduamente e trabalhando com afinco na construção de uma sociedade saudável. E por isso, pelos seus frutos, por ser uma referência nesse tema abrangente e de grande diversidade de opiniões, o escolhemos para entender sua leitura no contexto contemporâneo.

ImagineAcredite: Como surgiu o chamado para fundar o Grupo Atos?

Pastor Hudson Barreto: Digo sempre que essa causa me abraçou. Na minha família não existia ninguém declaradamente usuário de drogas ilícitas, isso sempre foi um grande tabu. No entanto, o uso das drogas lícitas sempre foi abusivo. Lembro que a partir dos 8 anos já bebia goles de cerveja que sobrava nos copos em reuniões familiares pelo sabor que gostava e as vezes era até incentivado pelos adultos a beber, sendo motivo de risos. Embora reconheça até certo ponto a inocência deles por não imaginarem o que estava por vir na minha vida e em toda nossa família pois todos foram brutalmente afetados quando a dependência se instalou, a PREVENÇÃO não nos alcançou.

Aos 12 anos, conheci a maconha na escola dos “ricos” que eu estudava, meus pais eram bem carentes nessa época, mas eu tinha ganho uma bolsa

de estudos para estudar nesse colégio. Associado a maconha vieram os comprimidos, cigarros e álcool além do sexo e rock-and-roll. Aos 16 anos, conheci a cocaína e me tornei hippie, tinha uma garota da mesma idade e fugimos de casa com mochila nas costas, barraca, violão, painel para vender os artesanatos, viajando em boleias de caminhão, tomando banho em postos de gasolina, dormindo na barraca de acampamento em praças e praias pelas cidades que íamos desbravando, sempre iludidos enquanto jovens sem responsabilidade. Passamos cerca de 3 anos viajando pelo litoral do Brasil, voltamos mais doentes, falidos e arrasados como o filho pródigo. Trouxe comigo apenas as lembranças desse tempo e as drogas como falso amigo.

Quando eu cheguei no Ceará, em 1998, conheci o crack. Disseram que era altamente viciante e que quem usasse uma única vez seria dominado. Essa frase na verdade foi um incentivo para mim, desafiei e perdi. Daí por diante foi uma época de muita decadência física, mental, emocional, relacional, moral e espiritual. Fiquei vagueando pelas ruas e cracolândias mesmo tendo uma casa e uma família que me amava, até ser acolhido em uma Comunidade Terapêutica, Desafio Jovem do Ceará, onde tive a honra de conhecer o Dr. Silas Munguba (in memoriam) e dele ter ouvido uma palavra profética: “Se você seguir esse caminho, JESUS vai lhe usar para ajudar muitos outros a sair desse inferno”. Hoje essa palavra se cumpriu totalmente. No entanto, houve muitas recaídas, tratamentos e internações. Depois disso, passei por Hospitais Psiquiátricos, Clínicas Especializadas, CAPs e Grupos Anônimos em vários outros estados do Brasil e muita dor para a total libertação adquirida com diligência diária, um esforço e vigilância contínua como disse JESUS: “Agora vá e não peques mais”.

Ao concluir um dos meus tratamentos, pensava em ter uma “Casa de Recuperação”, minha visão era muito diferente do que somos hoje. Em mi-



na visão limitada sonhava em ter “uma casinha branca de varanda, um quintal e uma janela, só para ver o sol nascer” junto com alcoolistas e dependentes químicos em colchões e cozinhando à lenha com uma programação bíblica contínua. Mas DEUS nos levou a algo maior, transbordante, que hoje é o GRUPO ATOS VIDA, com uma história de sucesso nos seus 12 anos de existência e centenas de pessoas tratadas com muitos profissionais e parceiros envolvidos que colaboram e garantem o sucesso dessa missão.

IA: Quais dificuldades enfrentou no início?

HB: Sempre foi muito desafiador trabalhar nessa área por várias questões, principalmente o orçamento limitado, esse certamente é o maior deles para atender o DQ com dignidade. Muitas vezes as famílias estão exaustas e descreditas. Aqui reconheço os profissionais que trabalham como missão mesmo, cargas horárias imprevisíveis, salários abaixo da média se eles fossem para outras frentes profissionais, investimento em capacitações profissionais com recursos próprios e por esforço e pela própria complexidade da doença, diagnóstico, tratamento e reinserção.

IA: Como a experiência o ajudou a entender as pessoas adictas?

HB: Hoje posso ser um pequeno facho de luz de esperança para quem está na escuridão do uso de drogas e não consegue sair, para aqueles que têm dificul-

dade devido as recaídas. Fui desacreditado quando estava no uso e ainda mais desacreditado depois que decidi parar. Porque mesmo tendo o desejo mais sincero e empenhado toda dedicação, os tempos de abstinência eram vistos como sucesso e os tempos de doença um fracasso total. Essa fase foi muito difícil para mim, o estigma é muito forte até para muitos que trabalham na área. As pessoas não questionam um cardiologista cardiopata, nem devem, mas no TUS ainda é muito incompreendido isso, marginalizando o doente como deficiente moral quando ele ainda não alcançou a abstinência total, isso é ainda mais um obstáculo e grande.

Trabalhando nessa área, já atendi dezenas de pessoas, algumas influentes, que escondem a sete chaves as recaídas por medo de macularem sua reputação e dos prejuízos sociais que elas podem sofrer e infelizmente sofrem. Devemos ter compaixão e compreender que estamos lidando com uma doença e não somente com uma questão de caráter. Sabemos que essa doença também é caracterizada pela recidiva. Questões e áreas como as biológicas, emocionais e sociais entre outras devem sempre ser cuidadas com máxima atenção.

IA: Na gestão do Governo Bolsonaro tivemos muitos avanços, quais o Sr. destaca?

HB: Mais vagas financiadas pelo Governo Federal, sem dúvida essa é a mais importante, milhares de vidas alcançadas, além das Capacitações contínuas,

Fiscalizações que orientam a um serviço de excelência e sobretudo a possibilidade do ingresso a uma CT por Demanda Espontânea o que desburocratiza e ajuda no tratamento de quem decide parar. São inumeráveis avanços.

IA: Notamos que o senhor transita bem entre a ciência e a fé, o que pode falar sobre isso?

HB: Alguns anos atrás, havia grande contraposição entre essas (por que não dizer?) “escolas”. Cheguei a presenciar instituições confessionais se oporem ao tratamento farmacológico e até psicológico, demonizando tais atendimentos, onde achava uma grande ignorância, mas também severas e infundadas críticas e ações (luta?) contra as CTs, para o fechamento de instituições que trabalham de forma mais intensa a espiritualidade, sendo uma impropriedade ainda maior, tendo em vista que hoje através de artigos e muito conteúdo comprovam cientificamente a alta eficácia no que tange a fé, isso já é indiscutível. Uma abordagem não deve rejeitar a outra, mas se complementarem, isso é fundamental para o objetivo maior: A SAÚDE MENTAL das pessoas.

IA: O que o senhor acha da LUTA ANTIMANICOMIAL?

HB: É justa, para quem acha justa, para mim não! Os próprios nomes já dizem por si: “Luta, Anti”, são termos para mim carregados de intolerância, repúdio, ódio, violência, perseguição, entre outros adjetivos deprimentes. Não acredito em nenhum tratamento com tortura, maus-tratos, isolamento, castigos, abandono, onde sequestram a identidade do ser humano e seus direitos, mas essas críticas são injustas a grande maioria dos estabelecimentos de saúde mental hoje. Fechar Hospitais, Clínicas, Comunidades Terapêuticas é uma imensurável perda para a sociedade e para mim uma questão real de desumanidade, incoerência e principalmente de conhecimento de quão maravilhoso é a maioria desses serviços no Brasil, sem romantizar, temos provas cabais do seu valor.

IA: O que o senhor pode nos falar sobre a POLÍTICA DE REDUÇÃO DE



DANOS?

HB: Eu não sou contra se for realizada de forma singular. Nem todos os pacientes que aderem ao modelo se adaptam, pois quando o quadro é de dependência -TUS, essa abordagem não é tão eficaz, no que tange ao uso de SPA de forma controlada, substitutiva, não mesmo. Para mim, categoricamente falando, qualquer “dependência” só encontramos sucesso no modelo de abstinência total, isso é fato! Agora para outras questões como serviços de cuidados básicos, atenção à saúde, educação preventiva, moradia assistida, material para uso (não fornecida pelo Estado), preservativos, medicação e outras ações de RD, há estatísticas oficiais que devemos reconhecer seus benefícios e continuar com os Redutores que fazem um belo trabalho.

Resalto aqui também questões “específicas” sobre determinadas substâncias que necessariamente encontram a RD como procedimento, muitas Novas Substâncias têm havido mais frequentes casos, mas a Medicina e Psiquiatria brasileira é muito competente. Contudo, não podemos de igual forma, por essa abordagem, ter menos sucesso no que tange a DQ, extingui-la, persegui-la ou fechar essas frentes que também, assim como outras abordagens, ajudam muitas pessoas a lidar com a problemática da dependência química – TUS.

Sabemos que muitos profissionais, que têm uma cosmovisão pelas lentes da RD, visam a ABSTINÊNCIA TOTAL e utilizam a RD para esse objetivo

maior, cuidando de forma ética e humana até um tempo de segurança. No entanto, outros que desejam a legalização das drogas, usam a RD como meio para esse fim, defraudam as estratégias para a AT acusando de conduta ultrapassada e baseiam seus argumentos em supostos princípios de tolerância, respeito ao direito e ser compreensível com a diversidade. Hoje vimos, por exemplo, o apelo ao Canabidiol. Com tantas substâncias no mundo, será mesmo essa substância a única em seus efeitos ou será por motivos ideológicos ou escusos? Deixo aqui a pergunta para reflexão do leitor.

IA: Como você enxerga o trabalho da SENAPRED?

HB: Já há alguns anos trabalhando e vivenciando de perto essa questão, vejo enormes avanços positivos. Prevenção

objetiva sobre os malefícios das drogas, capacitação de profissionais, abertura de milhares de vagas em CTs, onde através da demanda espontânea o acolhido pode – (sem burocracia, desviando assim, no mínimo, a corrupção e reputação política ou social de pessoas mal intencionadas) – encontrar instituições credenciadas, legais, fiscalizadas, com equipe especializada, estrutura de acolhimento 24h por dia, 7 dias por semana, ofertando a oportunidade de viver sóbrio, além de doações diretas de apreensões e bens destinadas a melhoria dos serviços, construindo assim, as melhores oportunidades gratuitas para quem deseja uma nova maneira de viver, sem drogas.

Reconheço assim o relevante trabalho realizado pelo Governo Federal, através do Ministério da Cidadania e a toda equipe SENAPRED, sempre atenciosos, prestativos, e cordiais na pessoa do Dr. Quirino, Sr. Edu Cabral, Sra. Cláudia Leite e todos que fazem esses sonhos antigos serem realidade hoje.

IA: O que na sua opinião poderia melhorar nas Políticas Públicas?

HB: A universalidade do SUS é maravilhosa. Acredito que a REDE deve ser fortalecida e não numa abordagem em detrimento a outra, como disse: elas devem se complementar. Temos que dialogar para que alguns instrumentos da RAPS não veja que houve diminuição de repasses para ela por causa de outras ações do Governo Federal, num senti-





mento de que os recursos investidos num modelo deveriam ser investidos em outro, isso é triste. Vejo que existe uma grande tarefa para que o cidadão tenha acesso ao que existe de melhor em saúde mental. CAPs, por exemplo, tem sua proposta e suas demandas assim como outros serviços.

Aqui na Praia do Icaraí, Caucaia-CE, onde estamos instalados, temos um ótimo relacionamento e parceria com o CAPS AD e isso é fundamental, somos muito gratos por isso. Queremos avançar ainda mais!

Falando em dependência química – TUS, sabemos que é uma doença crônica e que dependendo dos estágios dela, em algum momento a RD pode ser salutar e em outros momentos não, é aí que a REDE funciona, oferecendo o tratamento certo no momento certo e isso deve também incluir as Clínicas Especializadas que pelo NIDA - National Institute on Drug Abuse, por exemplo, diz que o tratamento não precisa ser voluntário para ser efetivo. Hoje temos no Brasil Clínicas de Referência Internacional, com resultados expressivos. As Clínicas e Hospitais devem sim ser investidos e fortalecidos na REDE e no SUS, sempre sobre princípios de humanização e atualização científica dos profissionais.

IA: O que lhe incomoda no cenário atual?

HB: Temos a questão da força econômica da indústria farmacêutica que é complexa e delicada, parece que cria a doença para vender o remédio. Nisso

temos que olhar para os próprios manuais médicos amparados pela OMS com o crescimento contínuo de transtornos nas suas revisões. Basta olharmos para as revisões do CID (Classificação Estatística Internacional de Doenças e problemas relacionados a Saúde) e do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) – Manuais Médicos e veremos facilmente mais e mais transtornos a cada revisão.

A medicalização indiscriminada é perniciosa e deveríamos ter mais prevenção além de fiscalizações sobre esse tema. A cultura de autocuidado é válida, mas não podemos enxergar uma Farmácia como um simples comércio e medicamentos como simples produtos. Sabemos de profissionais médicos que sempre prescrevem a mesma medicação para quase todos seus pacientes, que há premiações associadas a venda de medicamentos e isso se assemelha a venda de drogas do mesmo jeito, pior ainda, é aparentemente lícito. As drogarias se multiplicam assustadoramen-



te e o Brasil está entre os 10 países que mais consomem medicações no mundo. (CNS – Ministério da Saúde).

IA: Pastor Hudson, qual mensagem final gostaria de expor nessa entrevista?

HB: Deixo uma mensagem de fé e esperança. O Brasil tem sido referência na área de Saúde Mental com a acessibilidade a todas as abordagens. Temos excelentes profissionais além dos Grupos de Mútua Ajuda, CAPs, CTs, Clínicas Especializadas, Hospitais e instituições religiosas como apoio e norteadoras no caminho para a abstinência e recuperação ao uso de drogas e suas complexidades, que não percamos mais tempo para novos ATOS – Amor | Trabalho | Ordem | Sucesso. Esse é o nosso acróstico, a nossa fé, a nossa força. Vamos juntos!

Jesus não usou drogas. Na crucificação teve sede, Ele estava agonizado e o levaram um composto de vinagre anestésico – um tipo de bebida de vinho e fel fermentado embebido numa esponja em uma haste até sua boca. Ao tocar seus lábios, Ele o rejeitou mostrando para nós que também podemos suportar nossas dores, lutas e aflições sem drogas. Ali, por todo, inclinou sua cabeça e entregou o seu Espírito!

Reclinar a cabeça e entregar o espírito é a mais nobre atitude de um filho de DEUS.

Evangelho de João 19:28-30.

www.atosvida.com.br

• CAPA

CASA DO MENOR: PROPOSTA PROBLEMA DA VIOLÊNCIA E DE ADOLESCENTES, J



Ao nascer na Itália, em Villanova Mondovi, Deus confiou a missão para um padre humilde, com quase 40 anos e a vida estabilizada como professor de filosofia, vir ao Brasil para ser presença de amor e família para os excluídos, onde milhares de crianças, adolescentes, jovens e adultos puderam resgatar seus sonhos adormecidos por falta de oportunidades.

Cumprindo até hoje o segundo mandamento do livro Sagrado, onde Jesus fala: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt. 22:39), a ImagineAcredite irá contar um pouco da trajetória do padre Renato Chiera, 80 anos de idade, que atendeu ao chamado de Deus há 44 anos e fundou a instituição Casa do Menor São Miguel Arcanjo onde reconhece o rosto de Jesus crucificado nos acolhidos. Inclusi-

ve, seu trabalho tem reconhecimento do Papa Francisco.

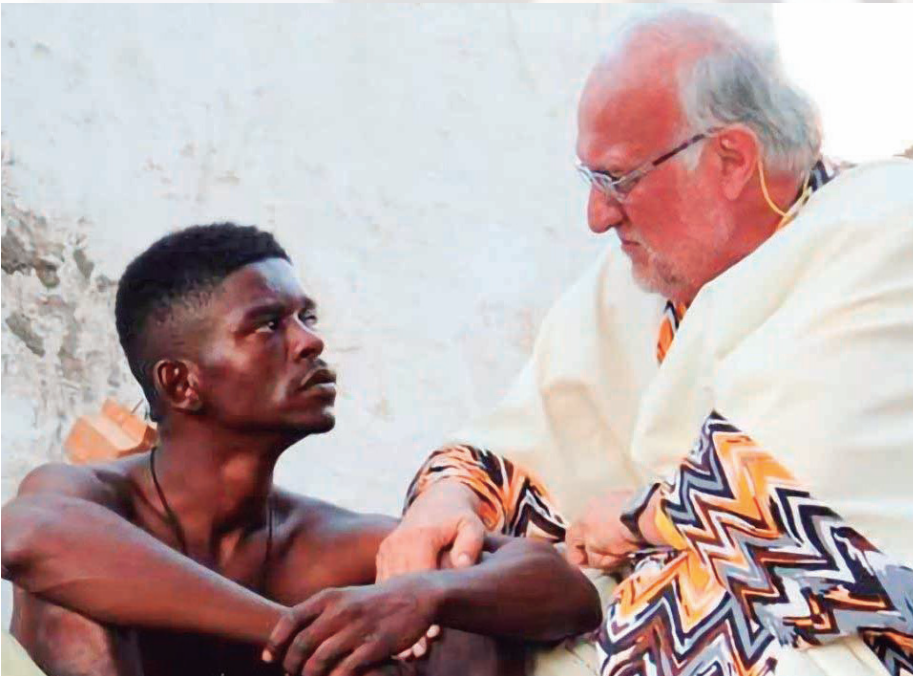
Tudo começou quando Chiera viu a triste realidade violenta das ruas do Rio de Janeiro, tomadas pelo tráfico e milícia, onde o Estado não dá a dignidade, acolhimento e amor para os menos favorecidos que encontravam nas drogas a “falsa” comodidade para alcançar a expectativa de uma vida melhor. E ao ouvir os gritos dos meninos excluídos da sociedade que temiam por sua vida, o religioso dá alento aos que procuram por uma nova chance, como foi o caso do jovem Pirata, usuário de drogas, que estava marcado para morrer e o pediu ajuda.

Antes de dar seu sim para transformar a vida dos meninos que moravam nas favelas do Rio, mais especificamente em Miguel Couto,

região marcada pela violência, onde começou a obra, o italiano ajudou o jovem Pirata a estudar e a trabalhar. Porém, tempos depois, o menor foi assassinado no muro da Casa Paroquial e foi nesse momento que Chiera se questionou sobre o seu trabalho missionário e continuou a percorrer as ruas para ser presença de amor e família, onde ouviu as histórias comovedoras de viciados sem recriminá-los.

“Meu sim era dado a Deus, que tinha o rosto no menino que veio me pedir ajuda, porque me disse: ‘já mataram 36 na tua Paróquia e têm 40 marcados para morrer. Eu sou o primeiro da lista e você não faz nada? Nos deixam matar?’ E quando disse meu sim ao grito, senti que quem me questionava era Jesus. Porque Ele fala que aquilo que nós fazemos ao menor, fazemos a Ele. Eu já tinha começado

A POSSÍVEL E EFICAZ PARA O DAS DROGAS PARA CRIANÇAS, JOVENS E ADULTOS



este sim quando mataram o Pirata na minha casa, eu tinha o acolhido, mas não consegui salvá-lo. Eu pensava de acolher Deus no rosto dos filhos do Brasil não amados. Eu conheci o rosto de Jesus crucificado, abandonado, nestes meninos”, descreve.

Com a sua casa cheia de outros jovens ameaçados de mortes, o sacerdote enviado por Deus ao Brasil continuou indo nas periferias e cracolândias para evangelizar e mostrar o verdadeiro amor de Deus com os abandonados. “O ser humano é feito para ser filho amado. Se esta primeira experiência acontece numa forma desarmoniosa, o ser humano não tem um referencial e desenvolve cicatrizes, carências, feridas que se procuram preencher em muitas formas, como: droga, sexo, violência e roubos. Mas nós captamos que estas coisas são consequência de não ter feito a experiência de ser filho amado”.

Segundo o padre, os aban-

donos acontecem de muitas formas, como, por exemplo, da família, da escola, da sociedade, da igreja e dos governos que não elaboram políticas públicas eficientes para incluir e dar oportunidades a todos. E é onde a entidade entra como uma mãe comunitária para ser a presença de Deus, pai e mãe, família para quem não é amado, pautada por um trabalho de respeito e ética para garantir o futuro dos jovens. “Nós queremos ajudar essas pessoas a fazerem uma experiência de vida diferente, a serem felizes. E para ser feliz, tu deves amar e ser amado. Mas se tu não és amado, não chores porque tu consegues superar. Nós os fazemos sentirem amados e ajudamos eles a amarem. Isso é ajudar a pessoa a viver e a sair daqui com valores diferente, com a alegria de viver”.

Ao criar essa atmosfera terapêutica, a Casa do Menor busca curar as cicatrizes deixadas em cada coração dos acolhidos que tiveram seus sonhos

roubados ao não receberem apoio nem do governo e nem da sociedade, que muitas das vezes, os marginalizam ao pedirem “esmolas” para sobreviverem.

“

A estes meninos que foram gerados, mas não amados, que não tiveram o útero da mãe, útero pai, útero família, útero comunidade, útero sociedade, nós devemos curá-los e apresentarmos a eles a possibilidade de uma nova gestação, criando ao redor deles estes úteros comunitários nas Casas Lares, na profissionalização, e mostrando que eles têm valor, têm uma missão no mundo

”

Vale frisar que a obra social é referência mundial e foi fundada em 12 de outubro de 1986, com a principal essência o carisma da unidade, a pedagogia presença e a espiritualidade, o dado do amor e a Família Vida. Além disso, há várias unidades no Rio de Janeiro, Alagoas, Paraíba e Ceará oferecendo acolhimento institucional, desenvolvimento comunitário, profissionalização, inserção no mercado de trabalho e outras atividades sempre respeitando a demanda local.

O AMOR E A PRESENÇA DE

O programa de acolhimento da Casa do Menor visa criar, paulatinamente, um ambiente familiar, com a presença de um pai e de uma mãe social quando possível, suscitando uma atmosfera de atenção e de afeto que se torne referência. Abrange Casa de Passagem, Primeira Acolhida, Casas-Lares, Casa Apoio, Reinserção Familiar, Família Substituta e Reinserção Social.

Através da pedagogia presença e a espiritualidade, a instituição consegue restaurar a identidade, a autoestima, o fortalecimento familiar, além do projeto de vida e missão de cada um

“O grito mais forte é por presença de amor de alguém que me faça sentir filho amado e que me acolhe como eu sou e se torne referência, que me puxa a desabrochar em todas as dimensões física, psíquica, afetiva, espiritual, transcendente”.

À vista disso são oferecidos: Acompanhamento social; Acompanhamento escolar; Orientação familiar; Visitas domiciliares; Palestras e reuniões; Atividades artísticas e culturais, recreativas, formação de liderança para crianças e adolescentes; Cursos de teatro, natação, capoeira, percussão, dança e futebol; Acompanhamento médico, psicológico, odontológico; e Sala de recursos.

Deste modo, as crianças e os



adolescentes vão se descobrindo aos poucos e se reconhecendo com o valor, na medida que recebem amor e vivem relações de amor. Além disso, a obra social de grande relevância para o país ajuda os acolhidos a se reconciliarem com o passado, liberando o perdão para aqueles que os machucaram, além de descobrirem o fio de ouro na história deles. “Nós vivemos a prática da palavra. Uma palavra por dia e aos poucos o nosso motor começa a funcionar com a gasolina para a qual foi feito. E os meninos e jovens carentes e drogados se recuperam: acontece uma regeneração, um retorno à vida”.



FAMÍLIA SALVAM AS VIDAS



O PROTAGONISMO QUE A CASA DO MENOR PROPORCIONA



Para receber a presença de família a quem não se sente filho, as crianças e adolescentes irão ingressar por meio de busca ativa e/ou familiar, e/ou por demanda espontânea.

A prioridade no atendimento do projeto são crianças e adolescentes dos bairros e municípios onde a Casa do Menor atua, inclusive municípios vizinhos, respeitando o ECA.

Ao chegar, serão recebidos pela equipe, apresentado a proposta de trabalho, funcionamento do espaço de convivência e as oficinas oferecidas.

Posteriormente, é realizado o cadastro da criança, do adolescente, do jovem pelo familiar e/ou responsável. Neste primeiro contato a instituição busca informações pessoais para o cadastramento nas oficinas.

PRESENÇA EM ÁREAS VULNERÁVEIS COM PREVENÇÃO



A proposta de trabalho do Desenvolvimento Comunitário, em todas as unidades da Casa do Menor São Miguel Arcanjo, é o desenvolvimento saudável da criança e adolescente em um ambiente protetor e se fundamenta sobre o firme compromisso de dar resposta adequada aos grupos de crianças, adolescentes, jovens e aos seus familiares a partir da vivência de cada indivíduo ao meio social a que está inserido de maneira participativa.

O eixo central de atuação percorre sobre um compromisso de prevenção ao uso de drogas; envolvi-

mento com criminalidade; minimização de situações de violência física e psicológica no seio familiar e comunitário, assim como acesso à arte, a cultura, a empregabilidade, acesso a conclusão a formação escolar básica e possibilidade de inserção ao ensino superior.

O Desenvolvimento Comunitário se pauta na Política de Assistência Social para sua atuação, desta forma seu foco está na matricialidade sociofamiliar, pensando no pressuposto de que para a família proteger, prevenir e promover, primeiro se faz necessário garantir sustentabilidade

para tal. Gerar autonomia as famílias chefiadas por mulheres, com baixo nível de escolarização e precarização de vínculos empregatícios, estimula o desenvolvimento saudável de seus membros familiares.

É de extrema importância pontuar a necessidade de se assegurar o acesso da comunidade local ao meio cultural e de ensino como uma forma de superação de situações de violência e risco pessoal. Para tanto, se faz necessário pautar a sociedade à fundamentos éticos de respeito à dignidade humana, no que implica, obviamente, adoção de políticas públicas, assim como, a oferta de serviços socioassistenciais, conforme preconiza o ECA.

“Nós somos uma proposta política para o Brasil a favor das crianças, adolescentes e jovens e contra a violência. Quando eles se sentem amados, eles mudam. Nós nascemos escutando os gritos. Primeiro nós damos família, depois os cursos para que eles tenham um futuro e saiam da pobreza. A maior tragédia não é ser pobre, é não ser filho”

, observa o padre das ruas e das Cracolândias.

A EDUCAÇÃO RESGATA A AUTOCONFIANÇA E PROMOVE O DESTAQUE



O método de ensino dos cursos e oficinas é baseado em princípios éticos e dialógicos, fazendo da relação ensino–aprendizado a descoberta da consciência pessoal e social dos agentes envolvidos no processo formador. O importante não é somente transmitir conteúdo específico, mas levar os alunos ao despertar para uma nova forma de relação com a experiência vivida. Primeiramente é preciso conhecer o cursando enquanto indivíduo inserido num contexto social, de onde deverá sair o “conteúdo” a ser aproveitado. Todas as atividades são promovidas para crianças e jovens entre 7 e 24 anos – no contraturno escolar, das 8h às 12 e 13 às 17h. A entidade oferece ainda o café da manhã, almoço e lanche da tarde.

Sendo assim, vamos descrever os cursos e oficinas que são oferecidos em cada unidade da instituição Casa do Menor São Miguel Arcanjo. No estado do Rio de Janeiro, em Guaratiba, são oficinas de dança, esporte, socioeducativa e educação ambiental. Em Rosa dos Ventos, Nova Iguaçu (RJ), são oficinas de dança e esportes, ginástica para terceira idade e creche. Em Tinguá, Nova Iguaçu (RJ), são oficinas de dança, esportes, percussão, barbeiro e elétrica. Em Miguel Couto, Nova Iguaçu (RJ), são oficinas de dança, circo, futebol, percussão, recreação e atividades multidisciplinares.

No Centro Integrado Dom Adriano Hipólito, Nova Iguaçu (RJ), são oficinas de dança, esporte, circo, percussão e socioeducativas. E no Desenvolvimento Comunitário Irmã Celina em Belford Roxo (RJ) são oficinas de dança, esporte, circo, percussão e multidisciplinar. Já em Alagoas as oficinas são de capoeira, percussão, esporte, violão, ballet, xadrez, teatro e reforço escolar. E no Ceará são oficinas de percussão, recreação e esporte. A obra social, que não possui fins lucrativos, gasta em torno de R\$ 7 milhões ao ano para manter mais de 5 mil crianças e adolescentes usufruindo de creches, cursos profissionalizantes e educação cidadã.

AGÊNCIA DO BEM JÁ ENCAMINHOU MAIS DE 5 MIL JOVENS AO MERCADO DE TRABALHO



Visando qualificar adolescentes e jovens da periferia, que na maior parte das vezes lutam contra desigualdades sociais e/ou que tiveram seus direitos tomados, a entidade criou o programa “Agência do Bem” que encaminha os jovens ao primeiro emprego, em parceria com várias empresas multinacionais. A lei 10.097/2000 possibilita que as empresas cotistas contratem entre 5% e 15% de Jovens Aprendizizes.

“O programa de aprendizagem profissional da Casa do Menor já qualificou e incluiu mais 5.500 jovens no mercado de trabalho e conta com uma equipe de profissionais altamente qualificados a repassar seus conhecimentos. Entre as empresas parceiras são: Supermercados Vianense LTDA, Metalúrgica Bromberg, Kobe Elija Veículos e Eco Rio Comercio E Serviços”, pontua o Padre Renato Chiera.

Dados da entidade revelam que, só em 2022, 113 jovens foram inseridos no mercado de trabalho em 11 empresas. A ImagineAcredite convida as empresas a apoiarem esse projeto que muda a realidade de tantos jovens da periferia. Para mais informações, acesse o site institucional: www.casadomenor.org/.



“Precisamos de empresários que olhem para essa causa tão nobre. Proteger as esperanças e os sonhos das crianças é fundamental para salvar o presente e o futuro do nosso mundo”

UMA NOVA HISTÓRIA LONGE DA MARGINALIDADE



A oportunidade de ingressar no mercado de trabalho traz uma mudança na perspectiva de vida dos jovens que buscam uma estabilidade financeira por meio de suas qualidades e, para isso, é preciso se capacitarem com cursos profissionalizantes. Pensando nisso que, por ano, cerca de 5 mil jovens ganham uma profissão depois de concluir um dos 10 cursos profissionalizantes ofertados e ministrados gratuitamente pela Casa do Menor em suas unidades país afora.

Os cursos ofertados são: Gastronomia, Confeitaria e Panificação, NR10; Cabeleireiro; Informática; Panificação; Elétrica Predial; Design Gráfico; Mecânica de Auto; Assistente Administrativo; Assistente de Recursos Humanos. Os cursos são gratuitos, têm duração de 6 meses com aulas teóricas e práticas e no final é realizada a formatura tanto para os jovens em Casas Lares, como para toda a comunidade.

Diante de todos os desafios cotidianamente enfrentados, o padre fundador da Casa do Menor comemora o fato de que, em mais de três décadas de existência, a obra tenha conseguido salvar mais de 100 mil jovens, garantindo o emprego no mercado de trabalho a pelo menos 70 mil deles

“Portanto, enquanto alguém quer matar, nós queremos ajudar e estamos mostrando que o nosso caminho está certo e que é por aí que se resolve a violência”, salienta padre Renato.

“É um momento de muita alegria onde nós podemos reforçar os sonhos desses jovens ou até mesmo despertar os sonhos de uma juventude que não tem oportunidade nenhuma. Então, quando apresenta uma oportunidade de uma profissionalização, de uma formação e que eles conseguem chegar até o final e receber o certificado, é um momento fantástico”, pontua Lúcia Inês, presidente da entidade.



PADRE DAS CRACOLÂNDIAS: UM GESTO DE AMOR AOS EXCLUÍDOS DA SOCIEDADE



Visitando sempre as favelas e as cracolândias do Rio, com sua vestimenta africana e escutando as histórias de quem não tiveram oportunidades na vida, padre Renato carrega em sua bagagem mais de 100 mil vidas salvas do tráfico e da violência. Graças ao seu amor pelos excluídos, essa população que vive à margem da sociedade consegue desfrutar de amor e um acolhimento digno na Comunidade Terapêutica São Miguel Arcanjo, mantida pela Casa do Menor São Miguel Arcanjo, no bairro Tinguá, em Nova Iguaçu (RJ), que completou seu terceiro ano de atuação no dia 15 de agosto.

Por lá, dezenas de vidas já foram recuperadas do flagelo da dependência química. E esse momento de alegria foi comemorado pela presidente Lúcia Inês. Ela afirmou que a Instituição “segue sendo construída diariamente na base do amor para eles. Cada um que chega aqui, para nós, é Jesus; e para nós é uma alegria poder receber e fazer festa para Jesus, que nos dá a honra de poder servi-lo em cada um desses irmãos”.

Já a vice-presidente, Renata Barros, parabenizou a todos que integram a comunidade terapêutica São Miguel Arcanjo pelo trabalho e dedicação demonstrados por todos que fazem a obra. “Jesus pede para a gente amar o próximo como a si mesmo. Então parabéns! Felicidades! Estamos distantes [por causa da pandemia], mas estamos unidos”.

A CT tem capacidade para acolher 20 pessoas num tratamento baseado na convivência, no trabalho e na espiritualidade. Além disso, ela se apresenta como a primeira de muitas outras CTs mantidas pela Casa do Menor, pois como disse Lúcia Inês a instituição possui outras unidades Brasil afora que podem abrigar novas CTs. Contudo, tal expansão, de acordo com ela, só depende de Deus. “Nós estamos aqui para corresponder aos sinais e as vontades de Deus, então depende muito do que Deus tem preparado, porque a obra é dele”.

ABRIGO TEMPORÁRIO EM ÉPOCA DE CORONAVÍRUS



Entre os anos 2020 e 2022, o coronavírus (Covid-19) foi responsável pela paralisação das atividades econômicas, sociais e educacionais; centenas de milhares de mortes somente no Brasil, onde a população foi obrigada a readequar o seu estilo de vida com o uso constante de máscaras, álcool em gel 70% e a adoção do distanciamento social. Todas essas mudanças visam à preservação da vida humana, mas, neste período, como ficaram aqueles que nem um teto para morar possuem?

No Brasil, centenas de ações sociais foram desencadeadas neste sentido. Em Nova Iguaçu, situada na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, por exemplo, a Casa do Menor readequou o seu modus operandi e o famoso padre das cracolândias foi às ruas para ajudar a população a vencer a pandemia. Somente nos meses de maio e junho, a instituição distribuiu máscaras confeccionadas pelos seus alunos matriculados no curso profissionalizante de corte e costura.

Além disso, a instituição firmou duas parcerias com a Secretaria Municipal de Assistência Social de Nova Iguaçu (RJ). Com a primeira, a obra passou a ofertar um abrigo temporário para as crianças recolhidas pelo Conselho Tutelar daquele

município. Segundo a presidente da Casa do Menor, Lúcia Inês, o abrigo foi montado a fim de garantir a não propagação da Covid-19. "Não queremos que elas sejam misturadas com aqueles que já estão em acolhimento. Então elas permanecem de quarentena e, após 15 dias, elas são misturadas e outras crianças são acolhidas", justificou Inês.

Já com a segunda parceria, a instituição acabou montando um abrigo na Vila Olímpica do Rio de Janeiro para os moradores de rua nos mesmos moldes daquele voltado para as crianças, mas com uma diferença, como explica a presidente da Casa do Menor. "Após a quarentena será ofertado ao morador de rua, que estiver sofrendo com a drogadição, a oportunidade de se livrar do aprisionador mundo da dependência química", ressaltou.

E completou: "A gente ajuda com roupas e outros mantimentos, enquanto a prefeitura com a Casa entra com a equipe da Assistência Social, que foi designada pela secretária Elaine Medeiros, e aí esses irmãos vão para lá. Depois do período da quarentena, se eles quiserem uma recuperação, a gente vai encaminhá-los a uma comunidade terapêutica da rede".



VENEZUELANOS REFUGIADOS RECEBEM PRESENÇA DE FAMÍLIA



A Casa do Menor São Miguel Arcanjo é referência em acolher pessoas sem perspectivas e oferecer uma nova oportunidade para recomeçar de forma digna. Prova disso, a instituição está com a campanha Operação Acolhida que visa ajudar os venezuelanos imigrantes e refugiados em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, que fogem da crise humanitária e econômica na Venezuela.

Com o apoio da Agência da ONU para Refugiados e organizações da sociedade civil, o programa Estratégia de Interiorização, coordenado e executado pelo Governo Federal, já atendeu mais de 50 mil pessoas, realocando de forma voluntária aqueles que estão no estado de Roraima (RR) ou na cidade de Manaus (AM) para outros municípios e capitais brasileiras, onde encontram melhores oportunidades de integração social, ingresso no mercado de trabalho e estabilização no país.

Graças ao Núcleo Inter-religioso de Ação Coletiva pelos Migran-

tes da Pastoral Universitária de Roraima, 17 venezuelanos – 5 adultos, 8 crianças, 3 bebês e 1 criança de 4 anos especial – estão morando na Casa do Menor e tendo suas vidas mudadas.

A instituição está com a campanha aberta, por um período de 6 meses, para arrecadar doações e continuar salvando vidas, assegurando os direitos e construindo um futuro para cada acolhido

Sendo assim, segundo a Casa do Menor, as pessoas podem doar itens essenciais, higiênicos e medicamentos. “Proteínas, fraldas descartáveis, material de higiene pessoal, cama, mesa e banho, leite e alimentação em geral, chinelo, absorvente e etc.”. Caso queira contribuir com qualquer valor, basta fazer um PIX para a chave:

TESOURARIA@CASADOMENOR.ORG.BR



A INSPIRAÇÃO QUE SE TORNOU PRESENÇA NA ITÁLIA



Na Europa, especificamente na Itália, a Casa do Menor é realidade. Há 25 anos ajudando a manter a instituição no Brasil, hoje, o povo italiano também começa a sentir a presença concreta dos colaboradores que andam pelas ruas na esperança de oferecer um novo caminho para quem está em situação de vulnerabilidade social.

“A experiência que nasceu de tantos anos de trabalho no Brasil, ao lado dos últimos, a Casa do Menor Itália começa a ser presença concreta, porque, infelizmente, esta pandemia e outras situações fizeram crescer muito o povo de rua. Então, à noite, cada quarta-feira, vamos às ruas para ser presença. Essa pedagogia é universal, é uma resposta concreta nas periferias existenciais”, diz a Diretora Executiva da Casa do Menor Itália, Donatella Martini.

“Pouco a pouco, vamos encontrar a nossa vocação também da Casa do Menor Itália, aqui nesse território, e de ser uma presença aqui que começou no Brasil e que veio, assim, como a viagem inversa. Começou com o padre saindo da Itália, agora já voltou, e estamos começando aqui em mais uma história”, complementa o italiano Matteo Ghiglione que é responsável pelos projetos e captação de recursos de todas as unidades da instituição.



CASA DO MENOR LEVA DIGNIDADE PARA AS FAMÍLIAS GUINEENSES



A obra social Casa do Menor São Miguel Arcanjo, em parceria com a obra Lúmen, completará um ano, no próximo dia 14 de novembro, em Guiné-Bissau com a missão de levar a presença de Jesus em meio, o amor e a solidariedade, além de atividades de reforço escolar e futebol. Neste primeiro momento a ideia é fazer um “mergulho” na história e cultura local, aprender a língua crioulo e entender o que Deus requer para ajudar a população que tanto necessita. Para tanto, foram enviados 4 missionários, inclusive a fundadora e presidente da entidade Lúcia Inês está no país.

“A missão da Casa do Menor fica no Distrito de Bambadinca, na diocese de Bafatá. Somos um ponto de referência para aqueles que mais precisam, como crianças doentes que as famílias não levam ao hospital ou aquelas que não têm comida ou ainda as que se ferem no trabalho da roça ou simplesmente para receber um abraço, beijo, carinho e atenção. Aqui as crianças não são contadas. Ficarei até janeiro para ajudar a entender nosso papel e para junto com os missionários impulsionar o trabalho”, afirma Lúcia Inês.

Para se ter uma ideia, o país é um dos mais pobres do continente Africano em que as pessoas se alimentam apenas com arroz e um peixe pequeno seco. Dados recentes da Organizações das Nações Unidas revelam que 68% dos guineenses não têm uma dieta nutritiva e estimam-se que as famílias tentam sobreviver com apenas US\$ 50 por mês.

“Não tem infraestrutura nenhuma, não tem saneamento básico e nem luz. Onde nós estamos tem luz porque temos a placa solar. Então, nosso sonho é construir um Centro Profissionalizante porque os jovens querem muito estudar e aprender uma profissão. Eles dizem que daqui há 3 anos vai chegar à energia elétrica, então a gente quer fazer curso de eletricista para quando chegar a energia eles poderem trabalhar. São pessoas que querem e sonham em ter um futuro melhor”, finaliza.

CASA DO MENOR - ESTRUTURAS



• COMUNIDADE TERAPÊUTICA

CT NOVA JORNADA É RECONHECIDA INTERNACIONALMENTE EM COMO RESGATAR E DEVOLVER A DIGNIDADE AOS DEPENDENTES QUÍMICOS



O Brasil está bem representando no que tange a referência de comunidades terapêuticas, graças ao trabalho desenvolvido pela entidade Nova Jornada que promove a reinserção social de forma digna. Tanto que, a CT é a única do país a estar presente no 28º World Conference que acontecerá em New Delhi, na Índia, entre os dias 2 e 4 de dezembro deste ano. O evento tem como objetivo debater programas de recuperação de adictos baseados em métodos clínicos e pesquisas científicas. O tema da conferência será “Uma visão para o futuro”.

Esse convite se deu pelo fato do trabalho eficaz que a CT vem realizando ao longo de 8 anos, sendo a única da América Latina filiada à Federação Mundial de Comunidades Terapêuticas (WFTC), com sede em Washington (EUA), e a primeira a possuir a Certificação ISO 9001. A título de conhecimento, esse certificado traz a credibilidade como diferencial na escolha da CT pelas famílias e na confiança do próprio

acolhido com o tratamento de qualidade e os serviços prestados.

“É um sentimento de conquista porque a Nova Jornada foi constituída para ser uma comunidade de referência e a cada dia de trabalho dentro da instituição é direcionada para que tenha um trabalho de excelência. É um motivo de muita alegria, muito orgulho, muita satisfação por ter resultados de um trabalho de um olhar muito próximo daquilo que o ser humano precisa que é a ajuda para se libertar dos vícios das drogas”, diz o diretor executivo Márcio Calbente.

Localizada em São José dos Pinhais, Paraná, a CT acolhe homens entre 18 e 65 anos que buscam escrever uma nova história longe das drogas, por um período de pelo menos 9 meses, a depender das necessidades de cada caso. Para tanto, a entidade possui uma metodologia própria desenvolvida pelo psicólogo Dr. Pablo Kurlander, coordenador técnico da instituição, que há 25 anos atua na recuperação dos depen-

dentos químicos.

“A metodologia é baseada na ciência, na espiritualidade pluralista e trabalha o autoconhecimento do indivíduo. Entregamos resultados superiores à média nacional. Mais de 1 mil pessoas já foram tratadas e mais de 7 mil foram beneficiadas com os programas da instituição. Para nós, o sentimento de vermos uma pessoa recuperada é o grande motivador para que continuemos nossa missão. É imensurável a alegria de estarmos contribuindo para uma sociedade melhor, para um núcleo familiar equilibrado e saudável”, pontua Calbente.

Seja solidário (a)

Com apenas R\$ 0,33 por dia você ajuda a manter e melhorar ainda mais o serviço oferecido pela comunidade terapêutica Nova Jornada.

Para doar qualquer valor, vestimentas ou alimentos, acesse o site:
www.novajornada.org.br/doar
Outras informações, ligue:
(41) 998468212.

“Hoje o governo federal tem uma participação financeira de 70% dos recursos da instituição. Então, nós temos alguns projetos para complementar esses valores para que consigamos ao final de cada mês honrar com os nossos compromissos. Então, desejo que todos possam saber um pouco mais sobre o nosso trabalho e que possam participar mais. Porque eu tenho certeza de que se a gente unir as pessoas em prol das comunidades terapêuticas, vamos ter um caminho com mais oportunidade para cuidar daqueles que mais precisam”, finaliza.



• SEGURANÇA PÚBLICA

DF: EM 2022 CRIMES CONTRA A VIDA TIVERAM A MAIOR REDUÇÃO EM 23 ANOS



Os crimes contra a vida no Distrito Federal nos últimos dez meses tiveram a maior redução em 23 anos, graças ao trabalho integrado, o uso de tecnologia e da inteligência policial e o constante aperfeiçoamento dos processos de gestão da Segurança Pública. Dados da Pasta revelam que, nesse período, foram 251 ocorrências divididas entre homicídios, latrocínios e lesões corporais seguidas de morte – um total de 43 crimes a menos que o

levantamento do ano passado.

Em 2021, o Distrito Federal atingiu o menor índice de homicídios dos últimos 45 anos. A expectativa da Secretaria de Segurança Pública é que neste ano a marca seja ainda menor. Até outubro foram registrados 234 casos, a menor marca desde 2000, quando foram contabilizadas 492 vítimas. Uma redução de 47%.

O Secretário de Segurança Pública do DF, Júlio Ferreira, justifica a queda nos números:

“
Nós temos investido em ações cada vez mais regionalizadas, com estudo e análise das microrregiões, permitindo que nosso trabalho esteja cada vez mais próximo da realidade da população de cada cidade, quadra e até rua, para entendermos quais crimes e desordens estão impactando, no momento, a segurança e a qualidade de vida da região
”



Violência contra a mulher

Nos dez primeiros meses deste ano, foram registrados 17 casos de feminicídio, 26% a menos que no mesmo período de 2021, com 23 casos. Em outubro deste ano foram dois casos contra seis no mesmo mês do ano passado, queda de 66,6%. De acordo com o titular da SSP-DF, Júlio Danilo, houve, desde o início deste ano, intensificação das ações para o enfrentamento da violência doméstica e, consequentemente, dos feminicídios, com ações coordenadas entre as diversas Pastas de governo relacionadas ao tema, além de campanhas, palestras e oficinas educativas voltadas a diversos públicos.

Segundo o secretário, em março de 2020 foi consolidado um programa com diversos projetos e ações voltados especificamente para a proteção da mulher, o Mulher Mais Segura, com ampliação dos canais de denúncia, inauguração de delegacia especializada, transparência na divulgação dos dados, por meio do painel interativo.

“Desenvolvemos, ainda, uma tecnologia inovadora, por meio de dispositivo que acompanha, simultaneamente, 24 horas por dia, vítima e agressor, estabelecendo uma distância segura entre eles, impedindo que ele se aproxime, e alertando a vítima em caso de aproximação”, destaca Júlio Danilo.

Crimes contra o patrimônio

Todos os seis crimes contra o patrimônio (CCPs), monitorados de forma prioritária pela SSP-DF, marcaram queda em outubro. Destaque para os roubos em coletivo que estavam em alta até julho e, nos últimos três meses, estão em declínio. Em outubro a redução desse tipo de roubo foi de 32,7% em relação a outubro de 2021, de 52 para 35 casos. A Pasta montou, ainda no primeiro semestre deste ano, um grupo de trabalho envolvendo forças de segurança, Secretaria de Transporte e Mobilidade (Semob), representantes de empresas de ônibus, entre outros órgãos, para elaboração de estratégias para o enfrentamento destes crimes.

O roubo em comércio obteve a maior redução em outubro, de 47,9%, de 73 para 38 ocorrências em todo o DF, comparado ao mesmo mês do ano passado. No roubo a transeunte houve 7,4% de queda. Os roubos de veículo, 25,7%, e os a residência tiveram três casos a menos: de 30 para 27 este ano. Os furtos em veículo estão em queda há dois meses consecutivos: mês passado a redução foi de 1,7% em relação a outubro de 2021.

No acumulado dos dez meses, quatro dos seis CCPs tiveram queda. Os roubos a transeunte, de -0,5%; os de veículo, -26,3%; os em comércio, -28%, e, ainda, os em residência, com 23,8%

de redução. Os roubos a transporte coletivo e os furtos em veículo marcaram aumento de 16,7% e 24,7%, respectivamente.

Segundo a Secretaria de Segurança Pública, a Pasta e as forças de segurança possuem uma série de ações qualificadas em andamento, com base em mapeamento de dia, hora e local em que cada crime mais acontece. Isso vem resultando na redução, por três meses consecutivos, dos roubos em transporte coletivo, e de dois meses seguidos nos casos de furto a transeunte

Fontes: Agência Brasil e Ascom SSP – DF



• INCLUSÃO

CAPACITISMO: ENTENDA O QUE É E COMO EVITAR O PRECONCEITO CAMUFLADO DE BOAS INTENÇÕES

A ImagineAcredite traz para o debate um assunto importante: como identificar e combater o capacitismo que é uma forma de discriminação em torno das pessoas com deficiência. Quando elas são julgadas incapazes de realizar determinadas atividades por conta da sua deficiência, por exemplo. Ou então, quando essa pessoa desenvolve determinada ação, o feito dela é superdimensionado e recebe elogios exagerados. O capacitismo é para a pessoa com deficiência o mesmo que o racismo é para o negro, e o machismo para a mulher.

Por vezes, pessoas são capacitistas não por maldade, mas justamente por toda esta herança cultural de que a pessoa com deficiência sempre foi alguém sem lugar na sociedade. Sair deste ostracismo social ao protagonismo de sua história não foi e não é algo simples de acontecer, principalmente dentro de uma sociedade

tão excludente, que inclusive descreve as pessoas com deficiência como frágeis, vulneráveis, como alguém que sempre necessitará de amparo social.

Na prática, ser capacitista é usar termos como “caramba, como você consegue fazer isso?”, ou “eu não conseguiria viver com essa deficiência”, ou “tadinho”, ou “que pena de fulano” etc. Na verdade, mesmo sem ter a intenção, você está destacando a deficiência da pessoa, está admirado por ela ter vencido mesmo tendo uma deficiência.

As pessoas com deficiência não são inferiores, não existe uma casta, uma hierarquia quanto à espécie humana. Não existe um único padrão de corpo funcional. Esta ideia de que o diferente é menos, é algo absurdamente covarde e doentio. Para combater de forma eficiente é importante lembrar que a deficiência é apenas uma característica e não define uma pessoa.



DIREITOS CONQUISTADOS APÓS MUITAS LUTAS

Historicamente a pessoa com deficiência sempre viveu às margens da sociedade. Nessa cultura de exclusão da pessoa com deficiência, é impossível, por exemplo, não mencionar a “Roda dos Expostos”, que no Brasil exerceu atividade entre os anos de 1726 e 1950. Nela eram postas as crianças rejeitadas por suas famílias, seja por uma gravidez de uma relação extraconjugal, seja pelo fato de a criança possuir alguma deficiência, o que poderia ocasionar às famílias de classes mais nobres comentários maldosos da sociedade, ou mesmo abalar o status da família em questão por ter em seu seio uma pessoa considerada inválida para os padrões da época.

Somente a partir deste período, o Brasil passou a dar um pouco de atenção a essas pessoas com deficiências, todavia, essa atenção estava voltada primeiramente aos mutilados de guerra. O país, passou a investir em hospitais – escolas que atendessem e recuperassem tais pessoas, dando assistência ainda aos operários de fábricas acidentados.

Para isso, foi criado pelo go-

verno brasileiro o INAR – Instituto Nacional de Reabilitação – através do Decreto 27.083/1956, contudo, por falta de investimento foi extinto em 1968. Outros institutos e órgãos foram criados ainda, visando o atendimento às pessoas com deficiência, como o Imperial Instituto dos Meninos Cegos (1854) e o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos (1856). A criação destes institutos, entretanto, tinha como objetivo principal dar assistência de forma paternalista, pois funcionavam como asilos, uma vez que tais crianças eram abandonadas por suas famílias e não tinham onde abrigar-se.

Após o período conhecido como asilismo, outro tipo de tratamento dado às pessoas com deficiência se destacou no país: o assistencialismo, em que esta parcela da população era reconhecida por suas necessidades, porém, estigmatizada por suas dificuldades e impossibilidades. Piedade e proteção eram palavras associadas às pessoas com deficiência. Impossível não pensar em capacitismo mesmo que de forma inconsciente desde épocas remotas.



OBRA RAINHA DOS ANJOS JÁ SALVOU MAIS DE 1 MIL DEPENDENTES QUÍMICOS



Ninguém nasce predestinado a ser um usuário de drogas. Diversos fatores levam uma pessoa a buscar um “falso” alívio com substâncias psicoativas. Independente da razão, os cidadãos que consomem os entorpecentes se tornam

dependentes químicos e quando estão no último estágio, decidem buscar ajuda e encontram nas comunidades terapêuticas o tratamento humanizado e a reinserção social eficaz.

A exemplo, a Obra Rainha

do Anjos, fundada por Ricardo Monte, no Ceará, que acolhe 46 homens e 12 mulheres por um período de 9 meses, oferecendo além do tratamento, a possibilidade de a pessoa concluir o Ensino Médio, por meio do EJA, e vários cursos profissionalizantes, como mecânica, culinária básica, horticultura e outros. Além disso, trabalha o tripé da espiritualidade, atividades práticas e convivência entre pares.

Para se ter uma ideia, em 14 anos, a entidade já salvou mais de 1 mil da drogadição, com apoio de uma equipe multiprofissional composta por psicóloga, assistentes sociais, conselheiros e missionários. A instituição também realiza trabalho de prevenção com as crianças e jovens ofertando aulas de violão e grupo de apoio.

CHAMADO DE DEUS

Sempre ajudando o próximo a ter uma nova vida com vínculos familiares e a sociedade fortalecidos, a história de vida de Ricardo Monte é de superação das drogas. “Passei 17 anos na adicção ativa, dos quais os últimos 7 anos eu tive uma experiência com Deus. Eu não fui acolhido em nenhuma CT, foi muito dolorido porque eram muitas recaídas porque eu não sabia muito o que era dependência química. Mas na minha última queda passou um rapaz que estava indo para o Grupo de Adoração. Ele me convidou para a celebração da Palavra. E lá eu tive uma experiência muito forte com Deus e eu voltei para casa”.

A partir daí, Monte sentiu o chamado de Deus para evangelizar as pessoas que estavam perdidas no vício. “Na época, eu ia com a minha namorada, hoje minha esposa, e mais



outro rapaz que tocava e a gente ia para as ruas. Até hoje nós visitamos as Cracolândias da nossa capital, onde nós fazemos o resgate de pessoas independente de qual classe social. A

gente vê Jesus abandonado, desfigurado que precisa de cuidados e amor. Hoje a nossa missão é resgatar as vidas”.

O PODER DE UMA ORAÇÃO DA MÃE



Quando uma pessoa “mergulha” nas drogas em busca de “prazer” automaticamente acaba destruindo sua própria família. Muitos adictos são renegados, perdem o contato por toda a vida. Mas há aqueles que ainda assim conseguem a ajuda de seus entes para se recuperarem das drogas, tendo em vista que o seio familiar pode ser determinante para um tratamento eficaz.

Inclusive, durante a entrevista, Ricardo Monte revelou que contou com a ajuda de sua mãe para vencer o “caminho” das drogas, e que em nenhum momento ela o abandonou. “Minha mãe ficava de joelhos dobrados no chão, clamando a misericórdia e nós sabemos que as lágrimas de uma mãe tocam no coração de Deus. Tem 14 anos que estou na sobriedade”.

GOVERNO FEDERAL EM FAVOR DA VIDA

Com o compromisso em fortalecer todas as entidades do Brasil que trabalham com a recuperação dos dependentes químicos, o governo Bolsonaro revolucionou a política de drogas no Brasil. Tanto que aumentou para quase 20 mil vagas financiadas em mais de 700 CTs. Entre elas, a Obra Rainha dos Anjos com 23 vagas para acolher homens.

“A providência de Deus e com as vagas do governo federal estamos fazendo novos dormitórios, dando um melhor acolhimento, mais dignidade para os meninos, com roupas e colchões novos. O nosso desejo é que tudo isso continue e que melhore cada vez mais. Tem sido uma bênção do Senhor”

AJUDE A MANTER A OBRA

Para realizar doações de alimentos, vestimentas ou calçados entre em contato com a sede pelo telefone: **(85) 99808-5188** ou se preferir fazer transferência de qualquer valor pelo **PIX: CNPJ 14204968000144**. Há ainda a lojinha virtual com a venda de produtos como canecas, terços, livros, blusas e outros itens. Acompanhe a entidade pelo Facebook ou Instagram **@obrarainha** e **@lojinhaora**.

A título de conhecimento, a

Casa de Acolhimento masculina fica Centro Cajueiro – Sítio Areias, Deputado Irapuan Pinheiro e a feminina fica na Rua Coronel Mendonça – São Sebastião, Iguatu. Já a Casa de Formação e Reinserção fica na Rua São Mateus – Vila União, Fortaleza.

“Muitas pessoas falam mal da CTs, mas nunca colocaram um pé dentro para conhecerem. Quando a pessoa conhece o trabalho das comunidades é impossível não ver a eficácia.

Eu convido a todos para conhecerem a nossa CT. Esse trabalho há várias décadas vem salvando milhares de vidas, pessoas que estavam em situação de rua, abandonadas, na drogadição. A droga não escolhe classe social. As CTs têm feito um trabalho alcançando muitas famílias, porque quando a gente acolhe um jovem, acolhe a família inteira. Nós acolhemos uma promessa de Deus”, finaliza.

• DIREITOS

SECRETÁRIA NENA MARTINS PROMOVE COM EFICIÊNCIA POLÍTICAS PÚBLICAS EM PROL DAS MULHERES EM JOÃO PESSOA

Um dos graves problemas que a sociedade enfrenta é a violência contra a mulher que atinge cerca de 17 milhões por ano, seja física, psicológica, sexual, moral ou patrimonial, segundo o levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2021. São cidadãs que de alguma forma tiveram seus direitos humanos violados, como à

vida, à saúde, à integridade física e até mesmo seus sonhos.

Para dar resposta a sociedade, os governantes e parlamentares se unem em busca de elaboração, execução e monitoramento de políticas públicas para salvaguardar os direitos das mulheres. A exemplo, a capital da Paraíba, João Pessoa, que instituiu diversos programas para inibir

a violência contra a mulher, consequentemente o feminicídio. E para cuidar dessa missão especial, o prefeito Cícero Lucena nomeou Nena Martins como Secretária de Políticas Públicas para as Mulheres, que vem desempenhando um trabalho extraordinário.

“O slogan da gestão é ‘Cidade que Cuida’ e é isso que temos feito. Tem sido desafiador desde o primeiro dia garantir essas políticas públicas para as mulheres. Fazemos um trabalho muito intenso no combate à violência doméstica, realizando várias ações como, por exemplo, palestras e atendimento a essas usuárias no Centro de Referência da Mulher Ednalva Bezerra que está há 15 anos funcionando com uma equipe multidisciplinar competente. Na gestão do prefeito Lucena aumentamos a equipe com psicólogas, assistentes sociais e advogadas, dando apoio e orientando as mulheres a denunciarem seus agressores”, explica Martins.

Na maioria dos casos, a falta de denúncia, seja por medo ou dependência financeira, acaba dificultando a proteção das vítimas. Sendo assim, foi implantado o ‘Bate-papo nas Comunidades’, em 2021, com o objetivo de levar a Lei Maria da Penha (11.340/06) na ponta. “É um diálogo que a Secretaria tem com as mulheres através de Movimentos de Mulheres e de ONGs. Infelizmente, a violência doméstica parte de dentro de casa, dos familiares, dos companheiros, dos filhos, dos irmãos, dos pais. Então, a gente luta todos os dias. Nós vamos às Unidades de Saúde, escolas municipais, residenciais com palestras em prol das mulheres, do combate as diversas formas de violência, em especial a doméstica”.



Autonomia contra a violência



Os traumas que a mulher carrega em sua vida pode mudar seu destino. Muitas deixam de sonhar e lutar por uma profissão e não conseguem ver “uma saída”. Buscando mudar essa realidade, a secretária Nena Martins pontuou que são oferecidos diversos cursos de capacitação para inserir essas mulheres no mercado de trabalho. “Muitas das vezes os companheiros agressores sempre proibiram que essas mulheres pudessem estar realizando

os cursos ou trabalhando fora de casa. Então esses cursos vêm para somar, para que essas mulheres possam ter uma profissão”.

Para ter uma ideia, de acordo com estudo do Instituto Rede de Mulher Empreendedora, a autonomia financeira ajudou 48% das vítimas de violência doméstica a se libertarem dos relacionamentos abusivos, possibilitando uma nova história. Inclusive, a secretária reforçou que seu sonho é

ver as mulheres acolhidas, com empregos e respeitadas.

“
O meu maior desejo é a paz para que as mulheres possam viver, porque nós queremos os nossos direitos. Não estamos aqui para medir força com ninguém. Pelo contrário, o que a gente quer é caminhar lado a lado”

Vale ressaltar que a secretária Nena Martins conta com o apoio especial do prefeito Cícero Lucena e a primeira-dama Lauremilia Lucena, e trabalha em parceria com as demais Secretarias do município, o Ministério Público, o governo do estado, o Tribunal de Justiça, a Delegacia da Mulher, a Polícia Militar, a Defensoria Pública, além de vários órgãos e instituições privadas.



Identifique os 5 tipos de violências (Lei 11.340/06)

Física: Qualquer ato que coloque em risco a integridade ou saúde da mulher. Como, por exemplo, espancamento e estrangulamento.

Psicológica: Qualquer ato que prejudique o emocional e a autoestima ou vise controlar ações e comportamentos. Como, por exemplo, manipulação, perseguição e insultos.

Sexual: Qualquer ato que obrigue a mulher a presenciar ou participar de relações sexuais não consentidas. Como, por exemplo, assédio,

importunação, estupro e impedimento do uso de métodos contraceptivos.

Moral: Qualquer ato de calúnia, difamação ou injúria. Como, por exemplo, exposição da vida íntima, julgar pela forma de se vestir ou utilizar xingamentos que firam a índole.

Patrimonial: Qualquer ato que subtraia, retenha ou destrua, total ou parcialmente, bens e valores pertencentes a vítima. Como, por exemplo, controlar o dinheiro ou deixar de pagar pensão alimentícia.

Como denunciar?

Caso sofra ou presencie alguma violência contra a mulher, denuncie. Os mecanismos que podem ser utilizados são **190** Polícia Militar; **197** Polícia Civil; **180** Centro de Atendimento à Mulher; **0900 283 3883**

Centro de Referência da Mulher de João Pessoa; **(83) 98695-3549**
Ronda Maria da Penha ou pelo site: **www.delegaciaonline.pb.gov.br** onde é possível solicitar medida protetiva.